

## Uma pedagogia do cuidado: a experiência do guia das escolas cristãs (1721)

A pedagogy of care: the experience of the conduct of schools (1721)

La pedagogía del cuidado: la experiencia de la guía de las escuelas cristianas (1721)

**Clóvis Trezzi** - Universidade La Salle | Centro de Formação La Salle | Canoas | RS | Brasil. E-mail: clovis.trezzi@unilasalle.edu.br | 

**Moyses Romero Borges Oliveira** - Colégio La Salle São Carlos | São Carlos | SP | Brasil E-mail: moyses.romero@lasalle.org.br | 

**Resumo:** Esta pesquisa, de caráter bibliográfico, faz uma leitura do Guia das Escolas Cristãs do ponto de vista do cuidado. Tem como objetivo identificar esta dimensão na pedagogia de La Salle. No período em que La Salle viveu se desenvolvia um novo conceito de infância, que não existia na Idade Média. La Salle, nesse contexto, apresenta uma proposta educativa que considera a dimensão do cuidado. Ela transparece, entre outras, nas diversas estratégias apresentadas no Guia das Escolas Cristãs para que os alunos não se afastem da escola; para que permaneçam no bem e evitem o mal; para que desenvolvam a dimensão da solidariedade e cuidem-se uns aos outros. Concluímos que o cuidado é um tema que transcende o próprio Guia das Escolas Cristãs e aparece como um tema transversal em todo o projeto pedagógico de La Salle, chegando ao século XXI como um tema inspirador para a pedagogia contemporânea.

**Palavras-chave:** guia das escolas cristãs; pedagogia lassalista; cuidado.

**Abstract:** This bibliographic research reads the The Conduct of Schools from the point of view of care. It aims to identify this dimension in La Salle's pedagogy. In the period in which La Salle lived a new concept of childhood developed, which did not exist in the Middle Ages. La Salle, in this context, presents an educational proposal that takes into account the dimension of care. It is reflected, among others, in the various strategies presented in the The Conduct of Schools so that students do not stray from school; that they may remain in good and avoid evil; to develop the dimension of solidarity and take care of each other. We conclude that care is a theme that transcends the The Conduct of Schools itself and appears as a crosscutting theme throughout La Salle's pedagogical project, reaching the 21st century as an inspiring theme for contemporary pedagogy.

**Keywords:** the conduct of schools; lasallian pedagogy; care.

Resumen: Esta investigación bibliográfica lee la Guía de las Escuelas Cristianas desde el punto de vista del cuidado. Su objetivo es identificar esta dimensión en la pedagogía de La Salle. En el período en que La Salle vivió, se desarrolló un nuevo concepto de infancia, que no existía en la Edad Media. La Salle, en este contexto, presenta una propuesta educativa que tiene en cuenta la dimensión del cuidado. Se refleja, entre otros, en las diversas estrategias presentadas en la Guía de Escuelas Cristianas para que los estudiantes no se desvíen de la escuela; para que puedan permanecer en el bien y evitar el mal; para desarrollar la dimensión de solidaridad y cuidarse unos a otros. Concluimos que el cuidado es un tema que trasciende la Guía de las Escuelas Cristianas y aparece como un tema transversal en todo el proyecto pedagógico de La Salle, llegando al siglo XXI como un tema inspirador para la pedagogía contemporánea.

Palabras clave: guía de las escuelas cristianas; pedagogía lasallista; cuidado.

- Recebido em: 12 de setembro de 2019
- Aprovado em: 27 de março de 2020
- Revisado em: 01 de junho de 2020

## 1 Introdução

Este artigo, de caráter bibliográfico, faz uma visita ao pensamento pedagógico de João Batista de La Salle (1651-1719), educador francês que iniciou, em 1680, um projeto educacional para atender aos filhos dos artesãos e dos pobres na França. La Salle é considerado por Gauthier (2014) como importante personagem na fundação da pedagogia moderna pela sua contribuição à estruturação da educação do século XVII.

O objetivo do artigo é fazer uma leitura do Guia das Escolas Cristãs na perspectiva do cuidado. O Guia é a obra pedagógica máxima de La Salle. Nele o cuidado, que no pensamento lassalista pode ser traduzido por zelo, é elemento central. O professor aparece como responsável pelos seus alunos e deve manifestar um profundo zelo pela sua profissão e pela escola. No Guia, o cuidado é a forma de manifestar amor pelos alunos.

Compreende-se aqui o cuidado como um olhar direcionado totalmente para o outro, que é fundamental no estabelecimento de vínculos. É o ser-para-o-outro. Ele exige que a pessoa, no caso o educador, esteja inteiramente atento às necessidades do aluno. Esta é uma dimensão de extrema importância na pedagogia de La Salle: a gratuidade, não apenas financeira, mas no sentido da doação total.

Busca-se, neste trabalho, analisar a sensibilidade de La Salle diante da necessidade de desenvolver um modelo de educação que atendesse às crianças e adolescentes pobres. Esta sensibilidade levou-o a encontrar nessas crianças a razão de ser de toda a sua ação educativa. A pesquisa deseja responder à inquietação: como a pedagogia do cuidado presente na proposta pedagógica de La Salle no século XVII se relaciona com a educação contemporânea?

Os elementos apresentados são retirados do Guia das Escolas Cristãs e de estudiosos do assunto, com destaque para Morales (1990), Hengemüle (2007) e Gauthier (2014). Começa-se trabalhando o contexto histórico da fundação de La Salle e as relações estabelecidas nessa época para, então, discutir a relação professor-aluno na perspectiva do cuidado.

## 2 Contexto histórico

O projeto educacional de São João Batista de La Salle começou a ser desenhado no último quarto do século XVII. Era um período conturbado na França, a começar pela experiência de

Monarquia Absolutista, que ganhava força desde o século XIV. O resultado do absolutismo era a pobreza. Os estamentos sociais, bem claros e distintos, também separavam as pessoas. De maneira geral, a burguesia e o restante da população pagavam as contas do alto clero e da nobreza. Essa situação, associada ao clima severo reinante na segunda metade do século XVII, quando secas e invernos rigorosos dizimavam a população, e a uma migração crescente dos habitantes da zona rural para as cidades, fazia a pobreza crescer de forma assustadora. Junto com a pobreza, aumentava a violência urbana, especialmente por parte de jovens que delinuíam. A tudo isso, some-se a falta de escolas, a não existência de hábitos de higiene e os poucos recursos da medicina, e surgem os motivos pelos quais muitas crianças morriam antes de um ano de idade e os adultos raramente passavam dos 50 anos, mesmo os mais ricos. De acordo com Sposito (2004), no final do século XIX o índice de mortalidade infantil na França ainda era de 23,7%. Ariès revela que o “sentimento de que se faziam várias crianças para conservar apenas algumas era e durante muito tempo permaneceu muito forte” (2015, p. 21).

Nas cidades, o trabalho consistia basicamente na mão de obra industrial. Morales (1990, p. 32) diz que “a principal força de trabalho são as mãos e os braços dos operários” (tradução nossa). Para Fiévet (2001), a população pobre abandonava o campo e refugiava-se nas cidades, especialmente devido às intempéries (secas e invernos rigorosos), passando a viver na miséria. Como frentes de trabalho, havia a indústria têxtil e a construção civil. Além disso, o trabalho informal tinha uma importância muito grande na economia. As feiras e os mercados movimentavam as cidades, e era principalmente nestes locais, mas também em serviços pesados, que as crianças eram empregadas como mão de obra. Os problemas de infraestrutura: estradas ruins, ausência de redes de esgoto e de água limpa, etc., faziam com que a população, especialmente os pobres, padecesse mais.

O governo autoritário-absolutista de Luís XIV (“O Estado sou eu”) contribuía para reforçar a situação de pobreza com seus luxos e festas e com o grande número de membros da corte. O palácio do Louvre, residência real, custava muito dinheiro à população; a transferência de toda a corte para um palácio ainda maior, em Versailles, fora de Paris, foi todo financiado com os impostos do povo, que eram pagos pelos mais pobres e trabalhadores. Quando faltava dinheiro, aumentava-se os impostos.

Este contexto intensificava ainda mais o número de pobres vivendo nas ruas das grandes cidades, como Paris e Reims. O contraste entre a vida dos pobres e a vida dos nobres era notável,

embora ambos compartilhassem da mesma falta de hábitos de higiene e de infraestrutura urbana. Exemplo disso é Palácio de Versailles, famoso pelo luxo e ostentação, mas que não tinha nenhum banheiro, conforme é destacado por Gomes (2005). O aumento no número de pobres também fazia crescer o desemprego e a informalidade no trabalho. Estes trabalhadores sofriam ainda mais por terem ainda menos direitos sociais.

No mundo da educação, vigorava ainda o modelo medieval, em transição para o moderno: para os pobres não havia escolas e nem existia entre eles a consciência de que esta era necessária. A mesma mentalidade existia nas classes mais esclarecidas. De acordo com Hengemüle (2007, p. 21), Voltaire teria afirmado: “É mais conveniente que o povo seja guiado que ser instruído”. As escolas de caridade e as escolas paroquiais atendiam aos mais pobres, desde que conseguissem uma certidão de pobreza. Os mais ricos pagavam professores para seus filhos, fossem eles preceptores ou professores especializados, como os mestres calígrafos. As escolas que existiam – embora já existissem iniciativas de uma escola humanista, como o fizeram Dêmia, Batencour e outros – estas tinham como foco o ensino, com poucas preocupações sobre o método ou sobre a pessoa da criança.

Era também o período de uma nova reflexão sobre a infância. Se na Idade Média, como o atestam os registros, especialmente os pictográficos, e como o revela o conhecido trabalho de Ariès (2015), a infância era algo indefinido, sem identidade, o pensamento humanista do século XV trouxe uma nova luz sobre isso. Aos poucos começava-se a compreender a infância como uma etapa da vida, e a se afirmar que esta etapa deveria ser plenamente vivida pelas crianças. Esta nova compreensão foi chave para todo o movimento reformador da educação que surgiu no século XVII.

Enfim, vivia-se uma situação de transição do período medieval para o moderno. Esta transição, que foi lenta, fez com que as instituições – escola, Igreja – fossem assumindo aos poucos uma identidade moderna, de acordo com os novos padrões de pensamento. Ao assumir esta identidade, a escola assume conjuntamente um caráter científico, e a Igreja, com mais resistência, passa a compreender e aceitar outras formas de pensamento.

### **3 La Salle e o guia das escolas cristãs**

Neste contexto, que associava conservadorismo de costumes com o surgimento de novos paradigmas, o surgimento de pessoas que ajudavam a pensar e organizar as instituições que

estavam tentando adaptar-se à nova forma de pensar da modernidade era normal. Entre esses pensadores, no campo da educação La Salle merece destaque. Defendido por historiadores importantes como Manacorda (2010), Gauthier (2014) e discutido por Foucault (2016) como renovador da educação, em 1679 ele iniciou um vultoso projeto educacional em Reims, na região da Champagne. Natural daquela cidade, filho de um magistrado e de uma nobre produtora de vinhos, educado pelos melhores professores, mais tarde cônego e sacerdote, representava bem a elite dominante na França. Embora sua mãe fosse da nobreza rural, seu pai era da alta burguesia e por isso não herdou nenhum título.

Em 1679, conjuntamente com Adrien Nyel, um professor idealista, La Salle começou a abrir escolas gratuitas para os pobres de Reims. No começo, ele era o encarregado da parte administrativa, enquanto Nyel preocupava-se com os professores e as escolas em si. Poucos anos depois Nyel, doente, abandonou a obra e La Salle passou a encarregar-se de tudo. Minucioso no que fazia, criou uma “comunidade de mestres” (BÉDEL, 1998, p. 41) para que, vivendo juntos, pudessem também juntos melhor preparar-se para a profissão de professor. Ressalta-se que a formação de professores não era uma prática até então. La Salle é reconhecido por Saviani (2005), Chartier (1998), Manacorda (2010), Gauthier (2014) e outros autores como pioneiro nessa atividade, e o seu “seminário de mestres” é considerado o primeiro centro de formação de professores da história da educação mundial, pois preparava professores leigos para as escolas da zona rural. A comunidade de mestres transformou-se, mais tarde, no Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, congregação religiosa com reconhecimento oficial da Igreja Católica Romana, e os mestres passaram a chamar-se Irmãos.

Um dos marcos desta escola moderna de La Salle é o Guia das Escolas Cristãs (LA SALLE, 2012a), que é um manual de pedagogia e didática, composto por ideias dos Irmãos compiladas por La Salle e transformadas em manual. Nesse sentido, La Salle pode ser considerado o primeiro pesquisador da idade moderna a fazer ciência da educação, ou seja, partindo da observação das escolas, teorizou sobre a educação e criou um sistema educativo complexo baseado nessa observação e experimentação. O Guia teve 21 múltiplas edições até 1926 (LAURAIRE, 2014, p. 7), cada edição diferente da anterior e precedida por um estudo que permitiu atualizá-la, e foi documento inspirador da educação lassalista por muitos anos. Mais tarde, foi erroneamente criticado por Foucault (2016), que adotou uma edição do século XIX para criticar a pedagogia de La Salle de quase dois séculos antes, sem dar-se efetivamente conta de

que o Guia das Escolas Cristãs nunca foi um livro com texto definitivo, mas um manual baseado em experiências educativas, e, por isso, segundo Lauraire (2014), a cada edição era modificado de acordo com as novas experiências e teorias educativas.

O Guia é um marco da história da educação, porque, para além de ter chegado ao século XXI como um documento integral (a tradução para o português é a da primeira edição manuscrita de 1706), também é possível ter acesso a todas as edições posteriores, e isso abre caminho fazer um estudo comparado de todo o avanço pedagógico posterior. Lauraire (2014) elaborou um estudo bastante completo sobre isso. Além deste detalhe, por ser baseado na prática educativa existente, ele não relata um processo pedagógico idealizado, como é o caso da *Didactica Magna* de Comenius, mas mostra o dia a dia das escolas, redigido em forma de manual de didática. O próprio compilador das ideias diz que o material “não foi elaborado como regra – por haver nele várias práticas apenas em vista de se alcançar o melhor possível” (LA SALLE, 2012a, p. 19), mas é um relato de experiências visando, com isso, ajudar os professores na sua prática, sendo recomendável, mas não necessário, que todos seguissem o livro à risca. Isso mostra a flexibilidade pedagógica de La Salle que, mesmo desenvolvendo um modelo de educação baseado em modernas teorias educacionais (avançadas para a época), estava aberto a outras inovações metodológicas. Compreende-se isso, tendo em vista que praticamente não havia nenhum modelo no qual La Salle e os Irmãos podiam se inspirar e, portanto, embora científica, sua pedagogia era experimental.

Destaca-se o Guia das Escolas Cristãs por ser um livro que desenvolve a pedagogia humanista. Hengemüle (2007) situa La Salle entre os pedagogos realistas, ou seja, ele conseguiu, a partir do pensamento dos humanistas, transformar os ideais em prática educativa. Os humanistas, que apontavam para a valorização do ser humano e, especificamente, da infância, foram fundamentais no desenvolvimento deste novo modo de pensar que inspirou La Salle. “O estudar é natureza, é próprio do homem e o leva à sua perfeição”, afirmava Giambattista Gelli (*apud* MANACORDA, 2010, p. 232). O Guia das Escolas Cristãs dá muita ênfase ao cuidado com a infância, colocando sempre esta etapa como uma preparação para a vida adulta. Não apenas como uma etapa da vida, mas como um tempo de formação da identidade da pessoa. Por isso, um dos enfoques mais significativos do Guia é justamente a questão do cuidado. Olhada sob esta ótica, a pedagogia de La Salle pode ser compreendida como um todo, que tem como elemento central um fio condutor. Se, por um lado, é a estética da escola que conduz à formação

integral das crianças, por outro lado é o cuidado com os alunos que mostra toda a importância da atenção, do afeto na formação da identidade da pessoa.

### **3.1 O cuidado no olhar atencioso de La Salle**

O contexto histórico nos ajuda a compreender a opção de La Salle pelos filhos dos artesãos e dos pobres como público preferencial das Escolas Cristãs. Também ajuda a compreender o porquê do cuidado como elemento central na pedagogia adotada na educação destas crianças e jovens especificamente.

Com a acentuada falta de atenção para com os pobres vinha a ideia de que estes não precisavam de escola. Esta ideia era reforçada pelos pais, que precisavam do trabalho dos filhos, pois a carga de impostos que pesava sobre eles era elevada. Por isso, além de não haver escolas específicas para eles, como havia para os filhos daqueles que podiam comprovar que viviam na miséria, ainda não podiam mandar seus filhos à escola por causa do trabalho.

Ao eleger este público, La Salle deu um passo significativo no sentido de uma contestação da ordem político-social-religiosa. Essa contestação era no sentido de ensinar às crianças pobres as mesmas coisas que se ensinava às crianças ricas, embora a crença, arraigada na sociedade, fosse a de que os pobres deveriam contentar-se em continuar sendo pobres “para não atentar contra o sacrossanto equilíbrio social, para manter a desigualdade na qual se acreditava fielmente no Grande Século” (HENGEMÜLE, 2007, p. 19). Um dos principais objetivos de La Salle era convencer os pais de que era importante ir à escola, pois uma criança alfabetizada pode tudo. “O meio de remediar à negligência dos pais, sobretudo dos pobres será, [primeiramente] falar com eles e fazer-lhes tomar consciência da obrigação que têm de fazer instruir seus filhos” (LA SALLE, 2012a, p. 196), porque esta, “por pouco inteligente que seja, sabendo ler e escrever, é capaz de tudo” (p. 197).

Ligada a essa necessidade está o desejo de La Salle de que a escola funcione bem. Para ele, não bastava existir escolas, mas eram necessárias escolas de qualidade, e que houvesse mais empenho em educar aos pobres que aos ricos (LA SALLE, 2012a, p. 247). Para fazê-los compreender a importância da educação, era preciso pensar uma escola que fizesse jus a isso. Além disso, se a ideia era preparar os alunos para a vida, que pode ser sintetizada pela expressão “ensinar-lhes a bem viver” (LA SALLE, 2012b, p. 18), não era possível fazer isso com uma escola que não fosse pensada exclusivamente para esse fim. Embora a ideia de preparar para a

vida faça parecer que a vida só começa depois da escola, Hengemüle (2007, p. 191) explica que “a escola de La Salle não parte apenas da vida, procurando responder aos apelos que dela vêm. Procura também preparar para a vida”, o que significa “prepará-los igualmente para que se insiram de forma útil na sociedade humana” (HENGEMÜLE, 2007, p. 192). Para isso, era necessária uma escola que funcionasse bem. Ao descrever essa escola, La Salle aponta quatro aspectos importantes para uma boa gestão escolar. Primeiro, alerta para que o diretor fique atento à excelência do serviço educativo. Segundo, ao sucesso no serviço prestado à sociedade e ao papel social que a escola oferece. Terceiro, para que escola esteja cheia de alunos, e, por fim, que os alunos e os pais estejam satisfeitos.

Para compreender a dimensão do cuidado na pedagogia de La Salle, serão elencados aqui dez elementos que demonstram como ela aparece.

**a) A criação de escolas para os pobres.** Esta é, seguramente, a primeira preocupação com as crianças e tem relação direta com o cuidado. Por ser uma fase de transição na compreensão da infância, esta ainda passava despercebida. O desejo de que as crianças pobres fossem à escola e tivessem os mesmos direitos das ricas demonstra cuidado e atenção para com esta etapa da vida. Embora o Guia das Escolas Cristãs evite especificar qual é o público das escolas, passando a ideia de que nelas não há distinção entre os alunos, outras obras de La Salle, como as Regras Comuns dos Irmãos das Escolas Cristãs, definem com clareza: “Para proporcionar estes benefícios aos filhos dos artesãos e dos pobres é que se criaram as Escolas Cristãs” (LA SALLE, 2012b, p. 18). Antes disso, define o papel da escola: “para que, estando os meninos da manhã à tarde sob a direção dos mestres, estes possam ensinar-lhes a bem viver, instruindo-os nos mistérios de nossa santa religião, inspirando-lhes as máximas cristãs, e dando-lhes, assim, a educação que lhes convém” (p. 18). La Salle demonstra, com isso, a preocupação em garantir aos pobres a educação que lhes era devida por direito, mas que eles não recebiam. O suposto direito legal das crianças pobres à educação é apresentado por Hengemüle (2007, p. 18): “Por declaração de 13 de dezembro de 1698, o rei proíbe empregar crianças de menos de quatorze anos, sobretudo em se tratando de novos católicos, justamente para poderem frequentar a escola”. Há que se reconhecer que, para combater o protestantismo, que se destacava pela educação, a Igreja Católica procurou atrair fiéis através das escolas, como mencionado por Manacorda (2010, p. 201): “O Concílio de Trento providenciou a reorganização das escolas católicas, evocando as

antigas tradições”. Para Manacorda (2010), o Concílio de Trento considerava ser a educação necessária para que os jovens não caíssem nos vícios e pecados. Daí sai a expressão “ensinar-lhes a bem viver” (LA SALLE, 2012b, p. 18).

**b) A criação de escolas de qualidade.** Como afirmado, não bastavam escolas, mas era necessário que elas tivessem qualidade. Elas não poderiam ser apenas mais uma dentre as que já existiam, mas eram escolas com um diferencial. A qualidade da escola diz muito sobre o cuidado de La Salle e dos primeiros Irmãos para com a infância pobre. Segundo Morales (1990), a qualidade e o sucesso da escola se refletem em cinco elementos: a) a conscientização das pessoas sobre a importância do seu projeto; b) a ampla utilização do método simultâneo, permitindo educar mais crianças com menos esforço; c) a organização interna da escola; d) a colocação de pelo menos três Irmãos em uma escola, sendo possível assim garantir a continuidade dos trabalhos mesmo que um deles ficasse doente; e) a ambientação da sala de aula de modo que sempre houvesse alguém responsável por manter a ordem e o funcionamento das coisas.

**c) Uma escola bonita, organizada e funcional.** Pelo Guia das Escolas Cristãs percebe-se que, para além da necessidade de um ensino que fosse suficiente para que, ao sair da escola, o aluno perdesse o status de ignorante, a escola deveria ser funcional para atender igualmente professores e alunos: “As escolas devem ser estruturadas de tal forma que mestres e alunos possam cumprir nelas facilmente seus deveres” (LA SALLE, 2012a, p. 235). Esta funcionalidade chegava a ponto de ser obrigatória a presença de banheiros na escola para evitar que as crianças fizessem suas necessidades em qualquer lugar (LA SALLE, 2012a), enquanto que o palácio de Versailles não tinha um banheiro sequer (GOMES, 2005).

**d) A valorização da pessoa.** Esta dimensão do cuidado, mais ampla, refere-se tanto ao professor quanto ao aluno. Aqui damos destaque ao aluno. O Guia das Escolas Cristãs apresenta a preocupação pedagógica com a formação integral do aluno. Desejar que a escola vá bem significa também buscar meios para que o aluno se desenvolva e potencialize suas qualidades. Consciente das limitações impostas pela realidade social, La Salle quer que, ainda que os alunos abandonem a escola (o que não é desejável), que saíssem dela com aprendizagem suficiente para “não ser um ignorante para toda a vida” (LA SALLE, 2012a, p. 271). Esta mesma preocupação levava a

ensinar boas maneiras, ainda que consciente de que as crianças eram pobres e pouco precisassem delas no dia a dia. Era uma preocupação mais com o vir-a-ser do aluno do que com sua realidade atual.

**e) Os cuidados com o corpo.** Numa época em que a Igreja valorizava muito a dimensão espiritual, encontram-se nos escritos pedagógicos de La Salle elementos fortes que mostram a importância da valorização do nível físico. O ensino de hábitos de higiene, o cuidado com a postura corporal: “Os alunos devem permanecer todo o tempo sentados durante as lições, [...] mantendo o corpo ereto, os pés apoiados no assoalho e corretamente posicionados” (LA SALLE, 2012a, p. 39); a preocupação com os castigos para que não machucassem, nem física nem moralmente: “[...] é necessário ter muitíssimo cuidado para não batê-lo em nenhuma parte machucada [...]” (p. 168); “Não se deve nunca fazer uma correção que possa ser prejudicial a quem se quer aplicá-la” (p. 166); os cuidados com a alimentação para que ninguém passasse fome são alguns dos elementos eu evidenciam a preocupação e o cuidado neste nível.

**f) A dimensão espiritual.** O objetivo da escola de La Salle era a salvação dos alunos (LA SALLE, 2012a, p. 164). Esta ideia não aparece muito claramente no Guia das Escolas Cristãs, mas é mais desenvolvida em outras obras, como nas Regras Comuns: “os Irmãos da Sociedade se esforçarão para promover [...] a salvação dos meninos que lhes são confiados” (LA SALLE, 2012b, p. 20). Isso pode ser encarado desde diversas perspectivas, sendo uma delas a espiritual, tendo em vista ser este um forte enfoque do Guia das Escolas Cristãs. O cuidado com a dimensão espiritual pode encontrar um resumo na afirmação de que o professor deve afastá-los do mal e levá-los a fazer sempre o bem. A frequente associação da aula com a vida de oração é também elemento que ajuda a visualizar esta relação. É pela vida de oração que a criança não pensará em fazer o mal.

**g) O uso de três expressões: o mestre cuidará; o mestre estará atento; o mestre zelará.** São expressões que exigem do professor um olhar diferente para cada aluno. O professor está atento para que não façam nada de errado. Além disso, ele zela para que a escola vá bem e todos cumpram efetivamente seus deveres.

**h) O cuidado com a aprendizagem.** O Guia das Escolas Cristãs insiste na ideia de que as coisas sejam bem feitas, que as crianças aprendam bem tudo o que lhes for ensinado: “Cuidarão [...] de não apresentar ao Inspetor, para ser promovido, nenhum aluno que não esteja bem capacitado” (LA SALLE, 2012a, p. 40). Da mesma forma, o professor deve cuidar fazer bem feito o seu trabalho: “para cumprir bem o seu dever, o mestre deverá estar formado [...]” (LA SALLE, 2012a, p. 38). Esta dimensão do cuidado é importante porque relaciona-se diretamente com o anterior: a valorização da pessoa. O cuidado com a aprendizagem parte do método pedagógico adotado, passa pela atenção destinada pelo professor ao aluno e vai até a preocupação com o futuro do mesmo.

**i) Atenção às famílias:** O atendimento nas escolas de La Salle tinha um público específico: filhos de artesãos e de pobres que fossem levados pela família ou órfãos que fossem encaminhados por uma instituição responsável (LA SALLE, 2012a, p. 252). A atenção às famílias tinha como foco a educação das crianças e toda a contribuição que as crianças, uma vez educadas, dariam (LA SALLE, 2012a, p. 197). Ou seja, educava-se as crianças para, indiretamente, educar as famílias. Além disso, assumia-se a ideia de que os familiares não deveriam interferir na educação escolar, mas ao mesmo tempo deveriam contribuir com as atividades de casa e atender prontamente quando chamados pela escola. Esta teria a função de suprir carências que porventura viessem da família.

**j) O papel do afeto: por último, esta dimensão que é provavelmente a mais importante e, ao mesmo tempo, paradoxal.** Numa época em que pouco se falava de afeto (ARIÈS, 2015), La Salle pede que os Irmãos amem a todos os alunos por igual, mas de preferência os mais pobres: os Irmãos “manifestarão afeição igual a todos os alunos, mais, inclusive, aos pobres que aos ricos” (LA SALLE, 2012b, p. 29). Este amor, que deveria ser incondicional, ou seja, sem intenção de reciprocidade, manifestava-se pelo afeto. Contudo, o professor precisava ficar atento para não manter familiaridade com os alunos. Como manter o afeto evitando-se a proximidade? A síntese do afeto é o cuidado. Ele manifesta-se na atenção dispendida pelo professor, na valorização, na dosagem entre ternura e firmeza: é preciso que o professor “manifeste seriedade de pai, compaixão repleta de ternura e certa brandura, que seja, no entanto, firme e eficaz” (LA

SALLE, 2012a, p. 157). La Salle compreendeu a importância do afeto na aprendizagem e no desenvolvimento da pessoa e soube trabalhar bem com isso.

### 3.2 A configuração da pedagogia do cuidado

Embora ainda na virada do século XVII para XVIII, ou seja, com o pensamento moderno muito incipiente, sendo o humanismo uma mentalidade ultrapassada, mas com conceitos que passavam a ser revisitados, já se pode pensar a pedagogia lassalista dentro do moderno conceito de pedagogia do cuidado. Esta também poderia ser chamada de pedagogia do afeto ou do coração.

Longe de ser apenas mais uma característica do pensamento pedagógico de La Salle, este é um tema que perpassa toda a sua obra. Na contemporaneidade, a pedagogia do cuidado encontra respaldo em Boff (1999). Este autor trata do cuidado como relacionado à pessoa inteira.

Partindo da premissa de que no mundo contemporâneo as relações estão fragilizadas e já não parecem superar o individualismo, Hall (2006) afirma que neste mundo acontece uma descentração do sujeito; pode-se assim afirmar a escola como um lugar para desenvolver um novo *ethos*: o da relação entre o cuidado e o sensível.

Tanto hoje como no século XVII, a dinâmica do cuidado na educação supõe uma mudança de mentalidade. Se o ser humano contemporâneo “assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente” (HALL, 2006, p. 12), na perspectiva de Mondin (1980) ele integra, na sua identidade própria, diversas dimensões: *homo somaticus*, *homo vivens*, *homo sapiens*, *homo volens*, *homo loquens*, *homo socialis*, *homo culturalis*, *homo faber*, *homo ludens* e *homo religiosus*. Este ser humano, que é multifacetado, não é por natureza fragmentado. A fragmentação é fruto da vivência social. A natureza do ser humano é integrada. Outra perspectiva antropológica (CENCINI; MANENTI, 1988) o apresenta como a unidade de três dimensões: física, psíquica e espiritual. Da mesma maneira, estas dimensões são apresentadas como integradas e não fragmentadas.

A dinâmica do cuidado em Boff (1999) segue a linha não pedagógica, mas de uma ecologia integral, de comunhão. Cuidar, nesse caso, é integrar a pessoa com o mundo, com o meio e também conosco mesmos, numa perspectiva planetária:

Cuidar significa envolver-se com as pessoas e as coisas, dar-lhes atenção, colocar-se junto delas, senti-las dentro do coração, entrar em comunhão com elas, valorizá-las e compreende-las em sua interioridade. Tudo de que cuidamos também amamos. E tudo que amamos também cuidamos. Pelo fato de nos ligarmos afetivamente com as pessoas e as coisas nos preocupamos com elas e sentimos responsabilidade por elas (BOFF, 1999, p. 41).

Quanto maior a fragmentação do ser humano, maior a crise. Em grande parte, a sociedade contemporânea padece deste mal. Crianças e adultos em contínua busca de si mesmos são reflexos da sociedade contemporânea. Os adultos em crise colocam as crianças em crise, pois estas têm como referência apenas um adulto fragmentado. Em grande parte, as relações humanas (ou a falta delas) são ao mesmo tempo responsáveis por esta crise e reflexo dela. O ser humano nunca é apenas fruto de sua época; ele sempre é também responsável pela configuração da época em que vive. Assim, a atual constituição da sociedade – dividida, líquida, polarizada, fragmentada – foi construída pelas gerações que nos precederam. A culpa não exatamente foi delas, pois elas também foram condicionadas pelas gerações que as precederam e assim por diante. Da mesma forma, hoje estamos construindo a sociedade na qual as próximas gerações vão viver.

Essa consciência não se pode se referir apenas à questão ambiental, mas a toda a constituição de um *ethos* que dê condições de vida aos que precederão a geração atual. A questão ambiental, é claro, faz parte deste *ethos*, que é planetário, na perspectiva de Morin (2017), e também pode ser chamada de antropoética. Na constituição deste *ethos* a escola tem um papel muito importante.

Aquilo que chamamos aqui de pedagogia do cuidado se constitui, partindo do pensamento de La Salle, como a atenção dada à formação integral do ser humano que se apresenta à escola para ser educado. Nesse sentido, o seu papel não se restringe à escolarização no sentido de ensino. Embora este seja papel da escola, a formação da pessoa tem papel mais importante. Ou seja, a escola deve, sim, preocupar-se com os conteúdos e os resultados, mas deve-se também preocupar-se com o outro papel que é olhar a pessoa em todas as suas dimensões.

Há quem defenda que o papel da escola é apenas ensinar e que o papel da família é educar. De fato, quando se olha friamente para a escola, ela parece ter apenas esta função. E quando se buscam resultados estatísticos, parece que ela não pode perder tempo com outras coisas. Uma pergunta questionadora faz sentido aqui: adultos frágeis e fragmentados podem

trabalhar na formação integral da criança? Famílias em crise têm condições de dar pleno suporte às crianças?

Na perspectiva da pedagogia do cuidado, não. La Salle, no Guia das Escolas Cristãs, afirma que é papel da escola suprir as necessidades da criança que a família não consegue – prestando a devida atenção para não assumir o papel da família. Por isso, a insistência para que haja afeto sem familiaridade (LA SALLE, 2012a, p. 195).

Gauthier (2014) coloca La Salle como uma das figuras mais importantes na constituição da pedagogia moderna, fazendo compreender que ele pode ser considerado, mesmo, fundador. O mesmo faz Manacorda (2010), que dedica sete páginas ao estudo da pedagogia de La Salle, considerada por ele um modelo de escola onde “o velho e o novo se unem de maneira singular” (MANACORDA, 2010, p. 286). Segundo o historiador, os métodos pedagógicos de La Salle não eram encontrados “nem nos documentos antigos nem nos estatutos das corporações medievais de artes e ofícios” (MANACORDA, 2010, p. 283). Constitui-se, assim, em um modelo totalmente inovador, o que dá razão a Gauthier (2014) que afirma ser a educação moderna fruto da pedagogia desenvolvida por La Salle e os primeiros Irmãos.

Portanto, a educação moderna nasceu focada na formação integral da criança. A pedagogia do cuidado é um elemento típico da educação de La Salle na virada do século XVII para XVIII. Cabe outra pergunta questionadora: quando – e por quê – ela se perdeu? Sabe-se a resposta. Se na constituição do pensamento moderno temos como base o humanismo do século XIV, este ideal foi sendo superado pelo racionalismo do século XVII. A pedagogia de La Salle já é fruto da fusão destas duas correntes, chamada por historiadores (HENGEMÜLE, 2007) de realismo pedagógico.

O ressurgimento da discussão pedagógica sobre o cuidado na passagem do século XX para o XXI demonstra uma preocupação maior, neste momento da história, com o ser humano. Embora pouco se leve em conta atualmente a pedagogia de La Salle e toda a formação e evolução do pensamento pedagógico dos séculos XVII e XVIII, é importante compreender que este pensamento já nasceu e se formou naquele século e não perder, hoje, as raízes do cuidado na educação.

#### 4 Considerações finais

As mudanças ocorridas no mundo desde o fim da Idade Média, algumas delas apresentadas nesse artigo, parecem não responder plenamente aos anseios do ser humano do século XXI. Torna-se inevitável o sentimento de que, depois de três séculos, o caminho a ser trilhado é longo. O nosso século parece ter dificuldades em lidar com a questão do humano. Esta dificuldade parece acentuar ainda mais a crise de civilização própria desta mudança de época.

Parece haver uma enorme dicotomia entre desenvolvimento econômico e cuidado com o ser humano – e com a ecologia. Esta dicotomia leva as pessoas a uma insegurança social, pois torna-se difícil para as pessoas saberem em quem ou no que confiar. A insegurança social aumenta a sensação de angústia e a crise se acentua. Funciona como uma bola de neve. E a sensação de angústia presente na sociedade conduz a uma ideia de que não há saída. Não seria exagero falar em depressão social. E toda depressão, se não tratada, leva à autodestruição.

O papel da educação neste processo de superação da crise é fundamental. A experiência educacional do século XVII mostra que a aparente utopia em torno do humano é possível. Se, por um lado, a crise de civilização encontra em si mesmo elementos que a alimentam e fazem crescer, por outro lado é possível encontrar forças que ajudem o ser humano a situar-se harmonicamente no mundo.

O século XVII era, como o nosso, uma mudança de época. A passagem da Idade Média para a Modernidade não ocorreu espontaneamente, sem esforço e sem crise. O longo processo de transição também permitiu que a criatividade vencesse a crise. Ela sempre abre as portas para questões que antes não existiam. La Salle descreve. No Guia das Escolas Cristãs, o resultado deste processo criativo.

Como no nosso século, a crise que havia no século XVII, guardadas as devidas proporções e características de época, era de civilização ou de humanidade. Desvalorização da pessoa, diferenças sociais, desatenção ao pobre, intensificação da fome, ausência de políticas públicas de combate à pobreza eram alguns dos sintomas dessa crise. Para La Salle (2012a), a escola era o espaço através do qual se poderia esperar uma saída para a crise. Ao afirmar que uma pessoa alfabetizada “é capaz de tudo” (p. 197) e que, para isso, era preciso convencer os pais de que a escola era necessária, ele faz crer que o objetivo da escola era transformar a vida dos alunos.

Nesse sentido, a contribuição do Guia das Escolas Cristãs para o pensamento pedagógico do século XXI é inegável. Se olharmos esta obra com um olhar dinâmico e a refletirmos na prática pedagógica e na gestão encontramos pontos essenciais para um discernimento que nos leve a uma ação-reflexão-ação.

Da construção pedagógica de La Salle extrai-se a importância da educação integral, do cuidado com o ser humano e suas relações, do processo formativo.

## Referências

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

BÉDEL, Henri. **Orígenes 1651-1726**: iniciación a la historia del Instituto de los Hermanos de Las Escuelas Cristianas. Roma, Itália: Hermanos de las Escuelas Cristianas, 1998.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano: compaixão pela terra. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

CENCINI, Amedeo; MANENTI, Alessandro. **Psicologia e formação**: estruturas e dinamismos. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1988.

CHARTIER, Anne-Marie. Alfabetização e formação dos professores da escola primária. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 8, p. 4-12, 1998. Disponível em: [http://anped.tempsite.ws/novo\\_portal/rbe/rbedigital/RBDE08/RBDE08\\_03\\_ANNE-MARIE\\_CHARTIER.pdf](http://anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBDE08/RBDE08_03_ANNE-MARIE_CHARTIER.pdf). Acesso em: 14 jul. 2019.

FIÉVET, Michel. **Les enfants pauvres à l'école**: la révolution scolaire de Jean-Baptiste de La Salle. Paris, França: Imago, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

GAUTHIER, Clermont. O século XVII e o nascimento da pedagogia. *In*: GAUTHIER, Clérmont; TARDIF, Maurice (org.). **A pedagogia**: teorias e práticas da antiguidade aos nossos dias. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 101-127.

GOMES, Paulo César da Costa. Versalhes não tem banheiro: as vocações da geografia cultural. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 19-20, p. 41-49, jan./dez. 2005. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3490/2418>. Acesso em: 20 jul. 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HENGEMÜLE, Edgard. **Educação lassaliana**: que educação? Canoas, RS: Salles, 2007.

LA SALLE, João Batista de. **Guia das escolas cristãs**. Canoas, RS: Unilasalle, 2012a. (Coleção Obras Completas, v. III).

LA SALLE, João Batista de. **Regras comuns dos irmãos das escolas cristãs**. Canoas, RS: Unilasalle, 2012b. (Coleção Obras Completas, v. II-A).

LAURAIRE, León. **La guía de las escuelas: enfoque diacrónico. Evolución del texto de 1706 a 1916.** Roma, Itália: Casa San Juan Bautista de La Salle, 2014. (Col. *Cahier Lassalienn*, 67).

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação: da antiguidade aos nossos dias.** 13. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MONDIN, Batista. **O homem, quem é ele? Elementos de antropologia filosófica.** São Paulo: Paulus, 1980.

MORALES, Alfredo A. **Espíritu y vida: el ministerio educativo lasallista.** Bogotá, Colombia: Monserrate, 1990.

MORIN, Edgar. **O método 6: ética.** 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2017.

SAVIANI, Dermeval. História da formação docente no Brasil: três momentos decisivos. **Educação**, Santa Maria, v. 30, n. 2, p. 11-26, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/3735/2139>. Acesso em: 14 ago. 2019.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e urbanização.** 14. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2004.